



Renato Suttana

O Livro da Noite

(1996-2005)

Guarapuava

2005

SUMÁRIO

O LIVRO DA NOITE	3
A ESCADA	31
AQUI	34
EU MESMO	36

O LIVRO DA NOITE

I

Sou todo o meu fantasma, pronuncio na noite, em silêncio. E a noite, aprofundando-se ao redor, são os atos desse fantasma, os gestos incoerentes que ele faz, para existir, e que se dissolvem na treva, frustrados. A noite não permite – quando se tenta existir nela de um modo mais decisivo – senão um esboço impreciso de nossa verdade, senão um ensaio mesquinho de nossa coragem que, logo depois de tentado, se converte imediatamente em ensaio. Sou, portanto, o ensaio daquilo em que me concentro, minha forma de ser pouco visível num limiar, mas que tento assim mesmo, por receio talvez de que, se não a tentar, naufragarei na treva com todos os meus pensamentos de tentar.

A noite é verdadeira, e sua verdade pesa sobre mim como uma condenação. Sua verdade me pesa como um fardo que não quero carregar mas que a cada momento pesa mais sobre meus ombros, com uma decisão que é a única realidade que não se pode negar na escuridão e que por isso, a cada instante, parece pesar mais e mais sobre meus ombros. Estou sozinho a esboçar meu próprio e inútil fantasma na escuridão. E tudo o que esboço é esta espécie de limiar sobre o qual o peso da sombra se apóia, mas do qual não posso tirar um motivo, uma razão que me persuadisse de que devo continuar e de que é para mim um dever prosseguir suportando o peso da noite sobre meus ombros na escuridão. Nada suporto, senão esse peso, em que percebo a única realidade da noite e que nada significa. E a realidade que percebo me acua, pesa sobre mim como um fardo e não permite que, avançando, eu seja mais do que o esboço de mim mesmo em que me dissipo, em que me afundo mais com o avançar dos instantes no impreciso.

Estou sozinho e posso apenas me agarrar ao que invento. Esboço meu próprio fantasma, torno-me inteiro aquilo que esboço e não sou capaz de uma ultrapassagem. Permaneço em silêncio na porta – uma sombra que se confunde com a sombra, uma silhueta de contornos vagos que parece mover-se freneticamente mas que, sempre, está apenas imóvel. A noite, porém, avança. Avança sobre mim e através de mim, como se fosse uma grande água que avançasse por sobre um dique (uma grande água que, avançando, pusesse em perigo a existência e a integridade de todos os diques). E nada posso fazer para contê-la. Suporto-a sobre os ombros, pensando suportar uma sombra. E a noite não se converte em verdade. E tudo o que pareço estar suportando é meu próprio fantasma que não se fixa no tumulto vazio da treva.

* * *

A noite redundando em solidão.

Incapaz de ser outra coisa, resolve-se em solidão e nos pensamentos da soli-

ção. Tudo o que percebo nela é esta imensa esterilidade, este pensamento da esterilidade que me atira para diante e ao mesmo tempo me paralisa, mostrando-me que, seja como for, seja que direção eu escolha, estarei indo sempre na direção do que não calculei, do que me devastará no final e provará para mim, com uma nitidez insuportável, a inutilidade de meus esforços e de toda a procura empreendida na vasta cegueira da escuridão.

Sou muitos dentro da noite. Meu pensamento, atingido e perturbado por essa idéia, procura um ponto onde se possa fixar. Encontra a decepção do que lhe traz essa idéia: a certeza de que, sendo muitos, jamais encontrarei na solidão um lugar (uma pedra) onde possa repousar minha cabeça, mas mesmo assim não desiste. Ingênuo, atiro-me contra todas as possibilidades, experimento-as e me experimento nelas, e no final, decepcionado, me sinto vazio e nulo, tão vazio e nulo quanto o próprio pensamento que desenvolvi para alcançar essa conclusão.

* * *

Sou uma nitidez que se desmente na noite, atingida na asa pela certeza de que jamais alcançará. Sozinho, tento equilibrar-me entre formas que não decifro. Pouco profundo, embargado em mim mesmo pela certeza de que é inútil prosseguir, tento decifrar, sem os suficientes recursos de decifrador, este labirinto de sinais em que se transforma a noite ao meu redor. E a noite me desmente sempre que penso estar chegando ao limiar de uma estabilidade. Instável, nula para todo o pensamento de estabilidade, converte-se em confusão e mentira, deixando-me sozinho na parte de fora, no imenso frio de fora, que se torna também, quando reencontro meus pensamentos, um obstáculo à meditação e à verdade.

Medito a noite, estando fora dela e sozinho. Meus pensamentos não são capazes de construir qualquer realidade e por isso se vêem condenados a chafurdar no vazio, como se essa fosse, afinal, a sua verdadeira função, o único modo de se realizarem para além de si mesmos e de suas limitações. Fracos, atingidos na asa por uma espécie de dardo, estão parados no ponto onde haviam começado e ruminam desesperadamente o que não sabem. São os pensamentos de um morto que se decidiu em definitivo por sua própria indecisão. São os pensamentos de um cego que tateia na treva em busca de conhecimento e tenta suprir, com pensamentos estáveis, os pensamentos de cores que nunca lhe chegaram aos olhos – as sensações reais dessas cores que nenhum pensamento, por mais perfeito, jamais poderia substituir.

Minha meditação, capturada nesse círculo, não pode progredir. Meus pensamentos não podem libertar-se das amarras, pois são os pensamentos de um morto que optou pela sabedoria e que acabou erguendo, sobre uma planície deserta, um pequeno castelo de idéias fúteis e inaproveitáveis.

* * *

Não existem caminhos no silêncio. A consciência disso me chega na noite como um alerta. Invade meu pensamento com a força de uma água sem direção. Profunda, neutra, instala-se em mim, desalojando meus propósitos. Coloca em debandada minhas ambições e me deixa sozinho no deserto – no interior de um círculo ao redor do qual estão girando as formas instáveis da quimera, que se encadeiam num círculo também, compondo um círculo duplo dentro do qual me vejo pouco a pouco confinado. Não existem caminhos no silêncio. E o esplendor vazio dessa constatação instala-se em mim, como um exército de sombras. Sozinho, não posso fazer-lhe frente: recuo para o centro (de meus pensamentos) e procuro, valendo-me de recursos que nunca tive, decifrar o que examino até as últimas conseqüências, para chegar ao final com a sensação de que, tendo-me debatido no vazio, apenas retornei ao meu velho ponto de partida.

Com efeito, não posso me afastar de meu ponto de partida. Conhecendo o silêncio como o conheço, e conhecendo o frio da noite como o conheço desde sempre, estou certo de que toda tentativa de me afastar redundaria em frustração. Assim, sou obrigado a permanecer no mesmo lugar, girando num círculo de pensamentos que me desgasta – os quais se esterilizam mais a cada giro e por isso não são capazes de prover os suportes de que minha sombra necessita. Antes, solapam-na mais, em suas fundações. Deslocam-na mais para longe de suas origens, fazendo-a flutuar no vazio, fartando-a de falsas promessas, arrojando-a contra falsas arestas a que se poderia agarrar, mas que não têm nenhuma consistência dentro da noite. Empurram-na para fora e fazem-na penetrar mais profundamente na escuridão. Infundem nela sua descrença, seu vago senso de infertilidade, fazendo dela um manequim que vestem e desvestem segundo os caprichos de suas próprias acrobacias.

Porém, se o movimento é falso, o centro permanece imóvel na treva. O centro não é um ponto de ordenamento, um critério de justiça ou uma palavra, mas está imóvel, e dentro dele lateja a consciência paralisada de haver um centro. Por ele não passam caminhos nem se cruzam sobre ele coordenadas. Não é um ponto de orientação, embora permaneça imóvel no silêncio. Torna-se semelhante ao silêncio, converte-se num sol ao contrário, mas nada me diz que seja uma referência, estando sempre, quando o medito, a se deslocar para um outro lugar. E a noite, com toda a sua realidade, não se sustenta senão dessa pequena quimera. Tão vazia quanto tudo o que nela se manifesta, e tão nula quanto as projeções que o pensamento maquina na solidão, não pode fertilizar um pensamento, pois está inteiramente congelada em torno do centro. Mas o centro, como já percebi, não é senão aquilo que não se move, aquilo que não se movimenta e que nem assim não se pode localizar na escuridão.

Não existem caminhos no silêncio. E a noite, e o pensamento, capturados num círculo, se convertem em prova dessa absurda e improfícua constatação.

* * *

Quero sair do frio, mas a própria noite me condena a ele. Cansado, exaurido por dias e dias de persistência, em que estive a cavar um fosso na solidão, quero me deslocar desta região de ventos onde me congelo e me estender ao sol, mas não posso, porque estou na noite, e a noite pertence à escuridão. Exausto, cego, desço ao vazio de cada coisa, a sonhar um sol no centro do frio, e cada coisa se converte em confirmação, se converte em palavra da noite que reconheço, que se pronuncia no vento numa longa e interminável frase de incompreensão. A noite não é uma boca e muito menos é um ouvido. No entanto cada coisa nela se converte em palavra, e cada palavra se desmente, numa longa frase que se contradissesse no final, cujo sentido é inapreensível mas cuja pronúncia é nítida e cristalina no silêncio. Cansado, quero sair do frio mas estou condenado a ouvir essa pronúncia sílaba a sílaba, até que ela se esgote inteiramente. Exausto de meus próprios pensamentos e da noite, devo chegar ao final da pronúncia, crucificado em cada sílaba-coisa da escuridão, até que o meu próprio cansaço me dissolva. Porém sei que me dissolver seria apenas recomeçar.

Quero afastar-me do círculo, mas estou aprisionado na idéia de que estou no círculo. Antes, a própria idéia de afastar-me já é um modo de aprisionar-me nele, porque o círculo não tem um lado exterior, só podendo suscitar o vago desejo de afastar-me.

* * *

Aproximei-me de uma grande boca na noite e ouvi esta única frase que ela pronunciava no vazio: "O pensamento não pode prover o seu próprio suporte, assim como a noite, sangrando sombra e dilaceramento, em nenhuma região de si mesma e de sua miséria, e devastada por um vento que vem do cansaço e cresta longamente todas as formas com seu hálito seco, vaga e difusa e contraditada mil vezes por formas que mil vezes se contraditam, esboço de todas as formas, e no entanto diletantismo, multiplicação e proliferação de sombras que sempre redundam em erro, mãe de todas as solidões e de todas as formas que se reproduzem no erro, assim como a noite, sangrando a sua própria inconsistência, presa a uma rocha de solidão que é a rocha de uma consciência que se procura no cansaço e procura repouso sobre as pedras, não pode prover a sua própria libertação e é obrigada a ser o que é, entre o vento frio que agita as folhagens e a escuridão cuja verdadeira idade não se calcula, e por isso aceita o silêncio, tal como o pensamento, incapaz de ancorar em suas próprias constatações, e prover-se de bases irrefutáveis que tor-

nariam irrefutáveis as suas incertas constatações, não pode repousar num único centro e por isso é obrigado a girar em torno de uma quimera ou a percorrer os corredores de um labirinto interior cujas paredes e arestas se confundem com as sombras da noite, que são formas, e com a proliferação desenfreada das sombras, que se transformam em suposições, enquanto a noite se encaminha para a madrugada e para um ponto de onde não se pode calcular o trajeto até a madrugada, onde o pensamento se torna estéril e o frio se torna mais agudo e a solidão mais impressionante e se duplica o peso de todas as desistências; o pensamento não pode apontar a saída ou fornecer à consciência uma palavra que fosse ao mesmo tempo consolo e apaziguamento, que desmentisse os fracassos e transformasse em sóis as massas de sombra, convertendo em luz o que não se pode incendiar por sua própria conta e em chama o que desde sempre tem permanecido na obscuridade, o que naufragou desde o princípio numa espessa infertilidade e portanto não se pode acender, não se pode transformar em estopim de si mesmo e se converter em labareda, e permanece em silêncio, morto para tudo aquilo que não seja indecisão, porque a sombra é indecisão e a noite, com seus abismos, seus labirintos de cansaço, é um velho circo de indecisões, onde se ouve uma algazarra, uma algaraviada de nomes que se equivalem ou se contradizem, se multiplicam inutilmente na fadiga e se anulam, se debilitam mutuamente, o pensamento não pode prover, no círculo que percorre entre a escuridão e o torpor, uma resposta ou um motivo que justifique o ato de procurar, na noite profunda que é toda sofreguidão e multiplicação de formas que se alimentam de si mesmas, uma palavra, uma quimera, um horizonte de fadigas, que não se limitasse no deserto mas fosse uma ultrapassagem, e assim se recolhe, se retorce ao redor de sua sombra como um animal que, debilitado, incapaz de dar o salto em direção à liberdade, ao sonho talvez desse salto, a que toda a verdade se opõe, a noite não alimenta, e por isso definha na sombra, insatisfeito, atordoado, estéril e comprometido apenas com as ruínas, com os despojos de uma ilusão que se desfaz aos raios de um crepúsculo em que não se justifica nenhuma agonia”.

II

A noite caminha sobre um fio de silêncio, e no silêncio uma asa flutua. Esta sensação de entorpecimento não vem de conhecer a noite numa acrobacia, mas de estar sozinho aqui (neste lugar sobre o qual nada afirmo), dizendo o que digo a respeito da noite, e dizendo-o ao vento ou ao silêncio que nos cerca, porque não há ninguém para me ouvir. A noite caminha por sobre um fio de silêncio. E o silêncio da noite se confunde com o meu próprio silêncio, num amálgama de indecisões onde descubro, espantado, a minha própria fragilidade. Estou na noite e sei o que digo a seu respeito. Estou num ponto da noite que sei ser apenas um ponto anterior – anterior a alguma coisa que desconheço ou que não existe, mas que se afirma na

noite, como se fosse uma referência –, e é isso que tomo como referência, para dizer que estou ocupando um ponto qualquer para alguém da noite e do silêncio.

Estou em silêncio, como uma asa congelada que deixou de pulsar na solidão. Meus sonhos, em silêncio, são as possibilidades frustradas dessa asa, as veleidades do vôo que anteriormente a estimulavam (infundiam ardor ao seu sangue) e que agora, após a debandada, não têm senão a consistência de sonhos ou de esperanças desbaratados no vazio. O cansaço rege uma orquestra de fantasmas na escuridão. A noite domina sobre o silêncio, suscita palavras apetecidas, mas não pode ultrapassar o limite da sombra. E a sombra, espessando-se no campo devastado do pensamento (e desses pensamentos que a brisa traz e deposita à minha volta), vai mais e mais adquirindo o aspecto bruto de um muro – vai convertendo-se em muralha ao redor do desejo, que o aprisiona e o esteriliza e o torna menor a cada instante.

A noite caminha sobre um fio de silêncio. Caminha no fio, e o fio se estende por cima de um abismo, estremecendo de leve a cada roçar da asa do vento. A noite não se adorna de estrelas e não exhibe o ornato da lua. Pelo contrário, é pobre como uma taça vazia ou um pergaminho raspado, é pobre como o próprio pensamento estéril de decifrá-la em seus segredos. Nela, o silêncio é uma potência superior às palavras. E na potência do silêncio se movem as usinas do espanto: a noite é vasta para além de todo pensamento, mais vasta que o próprio pensamento, e toda a vastidão nela se converteu em muralha. Na noite, o pensamento se limita no pasmo. A solidão não se limita a não ser nela mesma, porém todo o resto – formas, contornos, substância e luz – se limita no pasmo, que é o que estira esse fio de perplexidade por cima de um abismo inexistente.

* * *

Há ondas nesse mar?

Meu pensamento, que pergunta, recebe a resposta do mar. Recebe a resposta do mar, que lhe chega num murmúrio e num bater. E esse bater é monótono e confiante de si mesmo: vem do mar e da distância e vem de um lugar que fica mais distante do que o mar visível, aonde não se pode chegar, e que lança contra nós o seu murmúrio e o seu lamento. De uma emoção esverdeada a onda se levanta sobre si mesma, rola no espaço vazio da superfície e vem tombar sobre a areia, não como um velho corpo desfalecido, mas como um corpo que transportasse na queda toda a memória de seu vigor, como esse corpo que não se deixa desfalecer senão no instante em que se recupera e se lança de novo no vazio. Levanta-se sobre esse espaço que a superfície ocupa em silêncio e vem tombar, renovada, sobre a areia, gerando o rumor que me chega aos ouvidos. A onda é isso que vejo e ouço como presença à minha frente: um pensamento dela superado pela coisa, e seu mover-se incen-

sante que se transporta a si mesmo caindo e vem tombar, como a memória de um gigante, na orla da areia silenciosa.

A areia encharca-se dos sons e cheiros que vêm do mar. Encharca-se da própria potência cujos avisos o mar nos dirige, e dessa distância da qual nos fala, a mais difícil. Pequenos objetos e ínfimas carcaças atropeladas jazem inermes na franja da onda. Ali onde jazem – diminutas conchas, moluscos, crustáceos, farrapos disformes de algas – não há um reino ou uma ordem (sequer existe uma ordem), a não ser aquela que o mar, imprimindo-a às formas ao seu redor, com inaudita violência recria no espaço silencioso. É uma ordem marinha, feita de odores e destroços – uma ordem que se faz da lembrança de um gesto, projetada sobre a substância dúctil do mundo, como uma sombra se projeta sobre os arvoredos à tarde, anunciando a tempestade.

Caminho pela praia, imerso em pensamentos. E meus pensamentos se deixam bater pelo mar, como se fossem pensamentos de areia sobre os quais a onda se desdobrasse incessantemente. Encharcam-se de uma água salgada que tem o gosto imemorial da distância. São pensamentos de um mar interior, invadido pela nitidez que marca o mar exterior (essa nitidez que funde sons e odores e a sensação de caminhar pela areia numa forma única e indissolúvel). Caminho pela praia, imerso em pensamentos de um mar que é este que tenho à minha frente, mas é um outro, que não alcanço plenamente e que me ultrapassa onde penso tocá-lo: pensamentos de um mar irreal que, sendo o que é, se ilude com o sonho de ser também o mar verdadeiro – essa potência terrível que faz soar na praia uma voz de alga e distância.

Caminho pela praia e tenho uma vaga idéia do lugar para onde estou indo. Meus pensamentos se concentram em torno de uma coisa que julgam real. O mar permanece neles, impregna-os de sua substância, mas eles abrem, lentamente, lugar para uma outra coisa, e nessa coisa já não existe mar mas a inquietação de um reconhecimento. O mar afasta-se ou abre uma clareira de inquietação onde se instala um pensamento pouco nítido, que depois se reforça e mais tarde tem a pretensão de se transformar em consciência. Enquanto a caminhada progride, esse pensamento se ilumina, derramando sua luz por mim dentro e obrigando as formas a se recomporem. Não se trata de uma luz que venha para esclarecer o que pensei. Antes, a desproporcionalidade em que se dá me empurra para fora do centro e logo me diz que o que se encontra em jogo é a própria possibilidade de “reconhecer” (embora eu não possa dizer o quê). Talvez se trate de “mim mesmo”, caminhando ao longo da praia. Talvez se trate de um outro, mas esse pensamento divide com o mar o espaço da mente, coloca uma expectativa no centro e pouco afirma de sua tênue realidade.

O mar não se ultrapassa em meus pensamentos. Um pensamento que persegue o mar se estilhaça de encontro a essa parte luminosa. O que existe nele de mar

está excluído da possibilidade: pensar em pensar ou pensar em mim mesmo ou em minha sombra no centro são gestos tão vazios quanto um murmúrio da onda na praia. O pensamento do mar vaga na praia como uma grande ave ferida nas asas. Sua solidão se impregna dos murmúrios e dos odores do mar, como se a tarde vasta que circunda a paisagem marinha quisesse fazer parte dele e lhe dirigisse acenos que ele interpreta mal e confusamente. O pensamento que tenho do mar inclui o mar na parte pensada, mas igualmente o exclui, como uma estrutura imanejável. Torna exteriores ao seu labirinto íntimo o movimento da onda, a franja de espuma na superfície da areia e toda esta curiosa multidão de pequenos seres destroçados, que o mar nos envia também, como um excesso do que nos diz. O mar impregna o pensamento pela parte exterior. De onde vem, de um lugar ignoto que fica para além do horizonte, ele avança pelo espaço neutro de sua própria superfície, encapelando-se em ondas de um verde impuro, e vem debruçar-se na margem silenciosa da areia, onde se gera o murmúrio – e um murmúrio tão antigo que meu pensamento jovem se acanha de reconhecer-se como pensamento do mar e de sua vasta realidade.

Meu caminhar pela praia progride em direção a esse pensamento. Dispersivamente concentrado, vou recolhendo em volta as impressões que julgo poder recolher desta paisagem selvagem: o cheiro salino da onda, sua cor esverdeada, o murmúrio incomunicável de coisa a se despedaçar contra areias e pedras e essa tonalidade clara do céu a se transformar em noite e escuridão. Em meio a tudo isso, situa-se um pensamento que se reconhece e que estabelece à sua volta um pequeno acervo de formas, organizando-se dentro dele numa clareira onde se pensa a si mesmo. Está claro dessa maneira? –

pergunto-me. Porém nada ao meu redor me responde. Antes, o mar insiste em seu lamento, o céu insiste em sua cor, a areia insiste em si própria, em seu sossego marinho. O silêncio que as ondas proíbem se torna um silêncio interior, vizinho ao pasmo e à perplexidade. O silêncio das ondas só pode ser um silêncio pensado ou uma possibilidade de silêncio. Na hora real, a calma se mistura ao tumulto: e o pensamento é obrigado a escolher entre (improváveis) alternativas: ou será a onda que tomba ou um mero fantasma da onda, convertido em expectativa e logo em seguida numa sombra.

* * *

Exercito-me no silêncio, como um inseto se exercita no vôo – fazendo vibrar suas asas numa região do vento que o derrota mas que tem o poder de elevá-lo até o céu. O peso do movimento se exerce no ar, como uma mensagem. A noite derrota o movimento, porém não existe preocupação quanto a isso: o inseto procura situar-se (o que quer dizer que, não fosse a resistência do ar, seu vôo careceria de objeti-

vo) em pleno ar, e sua trajetória só encontra sentido no esforço que faz de situar-se. Como esse inseto, exercito-me no silêncio, com menos esperança talvez de situar-me. Antes, meu nulo esforço parece esvaziar-se quanto mais me iludo com a possibilidade de progredir. Meu exercício me conduz a uma região do silêncio onde a própria exatidão do vôo se degrada numa sombra sem propósito, onde a expectativa de atingir um centro se anula pela impossibilidade de me afastar do centro atingido, que é qualquer um e desestabiliza o movimento de avançar. Com efeito, o movimento que faço em direção ao centro já não se distingue do movimento correlato de me afastar desse centro. Reconvertendo-o numa ação sem propósito, a insipidez do silêncio o deixa a vagar sem rumo no vazio (onde, de fato, não existem rumos), sem o recolher no final para o repouso e a ilusão de ter progredido quando tentou.

Penso na noite, que não progride nem desenvolve o fio de sono que o cansaço espesso do dia vem procurar. Indiferente e precisa, a noite transpõe em vigília ou insônia a grande esperança que trouxe do sono. À medida que avança, espalha os destroços do sono em meu espírito, como se quisesse manifestar o seu poderio. Na noite, meu pensamento é uma ruína onde se confundem as soluções vazias da insônia com os restos desolados da esperança. Meu pensamento confunde em seus estéreis labirintos uma esperança do dia e um desespero da sombra, enquanto caminha ao redor de si mesmo, como um animal que tivessem obrigado a trabalhar. E a noite, sobre meu pensamento, apenas acresce ao peso a esterilidade. Imprime pegadas de sonho que a parte consciente do pensamento não pode converter em coerência. Ao contrário, tudo se confunde num torvelinho claro, como se pensar, na noite excessiva, fosse decifrar uma mensagem que, a cada esforço de decifração, mais se tornasse obscura e mais confundisse – com falsas pistas e promessas – as esperanças do decifrador. E nesse centro em ruínas se estorce um pensamento que espera, ou uma esperança que pensa e se alimenta do próprio fruto de sua lucubração.

Pela janela do quarto, o vento me fala de uma realidade exterior e selvagem, cujos ecos são aparados por olhos e ouvidos e reconvertidos em pensamento interior. Fala de um movimento incessante que existe *lá fora*, de uma ansiedade que perpassa no fundo das coisas, empurrando-as para a frente e tornando-as vizinhas ao desejo. No entanto, como estou no quarto, a me debater na solidão, só posso alcançar os ecos dessa batalha incessante e não tenho acesso à realidade profunda do movimento. Só o teria – me diz meu pensamento, olhando para fora de si mesmo – se eu me lançasse também para o exterior e me convertesse em realidade bruta e esforço, transformando essa energia que se consome inutilmente em energia que se consumisse inutilmente mas transformada em inconsciência. A parte do esforço inconsciente seria um contrapeso às energias que se gastam no sonho e às fantasi- as que não se erigem em fatos, porque preferem consumir-se em silêncio num

desvão sombrio da noite. Seria “minha própria” realidade, se me entregasse à dança dos dias – à potência muda que empurra para a frente a realidade das coisas e que transcende as pretensões de decifrá-la, ludibriando até o pensamento onde ele é mais lúcido e conseqüente.

A noite devasta grandes regiões do pensamento, criando o deserto onde menos se esperava por ele: no próprio limiar do desejo, que não pode converter em ação essa indolência que o cerceia. Na verdade a idéia de ação já não diz respeito ao momento de agora. Aqui, neste lugar onde me encontro (e onde se encontra uma parte de mim que não me é dado refutar), a expectativa de um gesto – por mais indolente – não se realiza em ação ou verdade. Pelo contrário, um cansaço cuja origem não posso determinar, invade meus pensamentos e torna menor o pensamento mais claro da ação, fazendo-o obliterar a meta que o orientava e desgastando nele, antecipadamente, as energias que o sustentavam na caminhada. Emaranhando-se em treva, o intuito mais decidido de ação tropeça em sua própria mitologia, superposta a esta indolência física que, não lhe servindo de suporte, se faz em obstáculo à decisão. O corpo, estendido na cama, espera por uma coisa que não acontecerá. Complicado em sua (mais clara) sabedoria, adquire enorme respeito pela sombra, deixa-se embeber pela sombra (que é, com efeito, uma sombra de impotência surgida no vento ou na luz) e dissolve-se – como um esboço de si mesmo jamais realizado – numa água pobre da languidez.

Assim, estar olhando para o teto não pode ter nenhum sentido, porque é apenas estar olhando para o teto, o que logo depois se desmascara em fastio. Estar olhando para o teto ou estar dormindo têm a mesma espessura e apenas confirmam a inutilidade do pensamento, porque o agrilhoam a uma rocha neutra cuja função é apenas agrilhoar. Estar aqui não é estar olhando para o futuro, no qual a ação se confirmaria ou a nitidez do gesto daria seqüência a si mesma. É, antes, estar aquém desse limiar, como um passo que se hesitasse em dar no momento mais decisivo (com a diferença de que nenhum momento é decisivo), por mais que se temesse o arrependimento. Estar olhando para o teto não é o início de uma ação e não é sequer o passo que dou no limiar, porque se dissipa em poeira de sonho no ponto exato onde me vem a consciência. Estou nesse ponto, o presente gira em torno dele, como uma espiral. O presente não ultrapassa o limite da hesitação (e desse nada a que conduz a hesitação), porque é presente para fora do tempo em que uma ação se faria possível. Estagnado na hesitação, encontro-me estagnado em mim mesmo, sem me pertencer inteiramente. E a perspectiva de ação que presumo através da névoa da indolência não vai além do gesto neutro de estar no quarto, olhando para o teto, sem o enxergar.

* * *

No momento em que desisto da nitidez – isto é, no momento em que naufrago na claridade –, minha emoção é um grito procurando firmar-se no vazio. Porém a claridade a que me agarro (com a decisão desesperada de um naufrago) não apresenta pontos de apoio ou saliências, e o deslizar pela superfície é imediato, lançando-me no centro da indecisão, onde me descubro incapaz de repouso. Com efeito, a claridade é o próprio espelho do labirinto interno em que o pensamento se desgasta. Buscar no exterior um ponto único de fixidez tem o mesmo sentido que tentar desvendar o inextricável de seu desenho: o labirinto se projeta para fora, como uma enorme fantasmagoria, e fico a bracejar no vazio, sem perceber que cada esforço que faço para libertar-me compromete mais a minha segurança e as pequenas vantagens que acumulei. O bracejar na claridade é bracejar, como um cego, entre formas e estímulos que não compreendo. É descer mais e mais a cada tentativa de manter a posição, como se descer obedecesse a alguma lei que desconheço mas à qual me sujeito por uma sorte de fatalidade. A decifração dos nomes e sinais se transforma lentamente em acusação e afundamento. E logo descubro que tudo o que poderei conquistar será uma orla do fracasso, onde finalmente sucumbirei sem me queixar.

Na claridade o nome cuja transparência se promete mais decisivamente é o mais enganoso de todos. Pronuncia-se numa língua inexistente, com a simplicidade de uma palavra infantil, mas essa simplicidade malogra, porque a língua em que se pronuncia é inexistente, nunca foi usada por ninguém. Porém os ouvidos se recusam a aceitar tal realidade. Teimosos – reincidentes de suas próprias ilusões –, eles se agarram aos destroços (como eu me agarro à nitidez da claridade), e vivem de si próprios na fantasia de viverem o que os lisonjeia. Afundam-se em suas próprias fabulações, sem se darem por isso, e esses ouvidos transformam em sons o que os olhos transformam em sinais: com a facilidade bisonha de insetos que constroem suas colméias no perigo. A claridade fornece a matéria-prima do sonho. E tanto os olhos quanto os ouvidos não podem mais distinguir entre o que inventaram e o que lhes foi imposto pela verdade, entre o que sonharam e o que o vento da verdade depositou em suas soleiras. Antes, conformam-se (e contentam-se) com o que têm e não podem nomear objetivamente. Tornaram-se veículos de confusão e fracasso, onde um impulso qualquer da realidade se confirmou, imprimindo sua pegada sobre a areia fofa da indecisão.

No momento em que desisto da claridade, tento desistir do que já não posso abandonar. Tento desistir desse rosário de pistas que desfilam no silêncio, e meu desejo de desistir não tem sequer o efeito de me fazer parar no ponto onde comecei a pensá-lo. Pelo contrário, estar buscando (e já não me pergunto o que busco) deflagra-se em mim como uma imposição da fatalidade. E não é como se eu esmiuçasse esse desvão de coisa nenhuma por fatalidade mas porque não sei fazer outra coisa senão esmiuçá-lo, esbanjando nisso mais energia do que disponho e aproxi-

mando-me de um limiar perigoso onde me arrisco a tomar consciência de meu infortúnio. No entanto não quero chamá-lo assim, pelo menos por agora, em que tomo consciência não desse círculo que percorro, mas de que estou no momento, olhando para fora e procurando um fio que me reconduza à inação do princípio, perdida na euforia de começar. Não o chamo assim, porque ainda não fracassei. E só fracassarei quanto tiver caído pelo caminho, sem possibilidade de prosseguir. Pois, como acredito, prosseguir, a certa altura, é mais importante que encontrar. (E encontrar não se acha escrito em meu mapa, que só traz as linhas do equívoco e me conduz ao centro do erro, na solidão indecifrável e espera.)

O fantasma menos fervoroso – assim me defino, entre falsos horizontes de interpretação. Na noite sem fantasias, meus pensamentos mais sublimes reduzem-se a três ou quatro palavras pronunciadas na sombra, entre acanhamentos e extravios. Como um cachorro cansado, minha memória procura recordar-se do que houve e se orienta para o dia, onde espera cavar um possível veio de lembranças. Mas tudo isso se constrange num pequeno espaço da alma: na verdade, a idéia de me lançar ao futuro, tomando como ponto de apoio o presente, se decepciona perante meus escassos recursos para o sonho. Vazio como um cômodo desabitado na noite deserta, meu pensamento só é capaz do imediato, e o imediato são estas paredes que me cercam, estas poucas e inúteis lembranças que me vêm e esta improvável idéia de lançar-me, de que o não ser capaz escarnece e que a inapetência despreza. Na noite, tudo o que posso pensar de mim mesmo me leva em direção ao fantasma. E ser sozinho não me salva de naufragar.

Meu pensamento já não pode interpretar a claridade, porque perdeu o fio da claridade. A pauta que ambiciono para o meu pequeno bailado não é sequer uma promessa na noite, e tudo o que diz respeito a ela pode ser resumido numa palavra, que não pronuncio. Meu pensamento quer orientar-se, mas se conforma com o restrito nada de suas poucas fantasias. Como uma cinza que o vento em breve varrerá, repousa ainda no silêncio, mentando uma possibilidade no silêncio, enquanto a sombra se fortalece e começa a dismantelá-lo por dentro. Quando penso em unidade e propósito, encontro-me tão distante do limiar onde isso teria algum sentido que me espanto de que ainda o possa pensar. Sozinho nesta região que é só recuo e dissolução, estou olhando para mim mesmo, para esta espécie de luz que me fascina e da qual, na distância, não posso extrair qualquer serventia. Antes, mergulhando mais num mar de alheamento – e *sendo* semelhante ao alheamento – , o que me fica nas mãos é a lembrança de um gesto que não encetei, e que talvez, por ser lembrança, tem o poder de despertar em mim tal fantasia. Mas a noite, que tudo sabe, sabe que é apenas uma fantasia e que me encontro distante demais do começo para sequer poder orientá-la em direção a qualquer sentido.

* * *

Diminutas asas de uma desesperança sem nome, fascinadas por uma ilusão da luz, pulsam na noite e partem em demanda do que a noite não lhes revelará. Em sua pulsação se exprimem os movimentos insopitados do desejo e uma ruína de chama que, inconsistente, nem assim a noite logrou dissipar. Pelo contrário, a pulsação conserva-se viva, exhibe na treva uma vivacidade inexplicável, que nenhum subterfúgio da treva justifica, e traz para a superfície a certeza de haver um segredo, que o ser desesperança não cerceia. A noite é vasta e imóvel ao seu redor. A escuridão é vasta e fixa, mas a noite em si não é capaz de fixar-se, pois, espicaçada pelo tempo, persegue um fio de insônia cuja única meta é a madrugada – essa hora plena em que todos os segredos se convertem em impostura ou esquecimento.

* * *

O sonho de uma coisa verdadeira no dia se desvanece em desorientação e fastio, quando o sol abre no céu a sua velha cortina de claridade. E quando caminho para o dia é como se arrastasse atrás de mim um peso que é a minha própria lembrança impregnada pelos fracassos da noite, que o dia não logra iluminar e que, sozinha, tem o poder de derramar uma sombra no dia. Quando caminho para o dia é como se ainda caminhasse na noite. Não sou o fantasma que acreditei ser até aquela orla da madrugada em que a noite se converteria em claridade (e, portanto, em tudo o que a claridade comporta de nitidez e decisão), mas uma presença só, inomeada, que só por um desejo injustificado de nomear é que chamei de fantasma, embora isso de nada me servisse.

Quando me arrasto para o dia carrego sobre meus ombros o peso de carregar um resto de treva sobre meus ombros, e dele não sei o que fazer. Não estou confuso, nem chamo ao que sinto de inapetência, mas também me sinto estranho à nitidez, como se a claridade e o que sinto fossem os extremos de uma situação ou duas formas incompatíveis que se entrechocam numa arena. A claridade não ajuda e o peso da claridade é apenas erro. O peso da claridade por cima do mundo transforma o dia em verdade, mas não pode isentar-nos do erro, porque não conhece outra alternativa senão errar. O peso da claridade transforma o dia em certeza. Carreia para o músculo uma nova carga de inquietação, que o eletriza mas não tem o dom de sustentá-lo. Na claridade, todas as decisões se impregnam da noite e de seus despojos, e é por isso que, ao entrar nela, tudo o que faço é prosseguir.

* * *

O que mantém a noite desperta lateja em mim como uma chama. E, no entanto, existe o escuro, onde naufrago. Inconsistente, incapaz de bracejar até a super-

fície, sinto-me arrastar para o fundo, como se uma força qualquer me tragasse – uma força que sou eu mesmo, nesta perplexidade, imóvel num centro devastado, olhando para o mundo que se esconde. Há pouco existia o mar: podíamos ouvi-lo e enxergá-lo, podíamos senti-lo em sua presença salgada – mas agora tudo isso se converteu em lembrança, em peso de devastação que a noite, iluminada por uma luz impossível, comporta em si como uma doença. A chama, pois, não pode incendiar o vazio. É chama de exílio e dispersão, sustentada somente no desejo e na consciência abissal de estar aqui.

No entanto, parco de sonhos e esperanças, não posso aspirar a uma consciência superior à que tenho. Antes, diria que o que tenho de consciência está contaminado pela treva, tem em si uma parte de treva que o extenua, infundindo nele o veneno do erro que o devasta. A consciência (ou o que chamo assim) é apenas um fantasma aceso na treva – uma forma sem corpo a flutuar no vazio, impotente demais para se nutrir da realidade das coisas (agora invisíveis) ao seu redor. Indecisa entre o ser e o provável, entre o sonhado e o infinitamente decepcionante, não tem a não ser a si mesma e a uma hipótese a que se agarrar. Tem uma hipótese que não a sustenta e que a ilude com a possibilidade de tudo conter, embora não contenha a não ser essa ilusão. Na noite e no centro, a consciência elabora o jogo das probabilidades, entregando-se a ele com o desespero de um naufrago – com a avidez de um moribundo a quem se oferecesse uma esperança.

Estou no centro e me lembro do mar. É o mar de que me lembro tem alguma coisa do esquecimento: confina com o esforço de lembrá-lo, de me convencer de que me lembro – dele cuja lembrança é apenas o avesso da solidão. Porque, na verdade, o que lembro do mar se mistura à deflagração de uma possibilidade. Estou caminhando na orla da praia e não mais estou neste centro onde ocupo um espaço ilusório e onde todas as medidas se desorganizam. A possibilidade diz respeito a uma superação do silêncio – ao mero gosto de caminhar pela praia, que é tão intenso e tão fino que não sei o que fazer do que me lembro. A lembrança desse prazer arrasta consigo a lembrança do dia. Uma mulher surge no fundo – silenciosa e calma –, porém o dia ainda é um fogo a arder sobre os propósitos, cavalo de expectativa picado pelo sonho, de modo que a mulher não pode avançar senão um passo, antes que eu a aceite em meu vazio e a destrua.

Estou caminhando na praia, embora seja noite ao meu redor. E, embora estas paredes me confinem, revejo o mar e sinto outra vez a sua presença, e vejo a mulher solitária, que olha para a linha do horizonte. Nesse ponto, uma enorme dúvida se apodera de mim. Não tenho, pois, nada a que me agarrar e é como se derivasse por um mar de incertezas, que devasta o sonho e o pensamento: é como se pensasse apenas no fantasma dessa mulher que olha para o horizonte, sem poder lhe dizer uma palavra, num enorme receio de que, dizendo-a, toda essa pequena realidade se dissipasse. Caminho pela praia em silêncio. Penso na mulher

como numa presença distante, e o que penso da mulher vem morrer, como uma onda, neste limite de treva que me confina. E a treva é espessa e silenciosa. O silêncio oscila nela como uma onda. O silêncio não tem uma presença nem um corpo, mas aqui, neste limite, é como se oscilasse, como um corpo. O silêncio é vazio na noite. E a noite não sabe o que fazer com o que ele traz.

A treva é espessa e silenciosa. Meus pensamentos, à deriva, procuram nela uma espécie de repouso, que a treva não pode proporcionar. Antes, no mar de cinza onde naufrago, a treva me lança um fragmento de memória, que vem boiando à superfície em direção ao pensamento. Meu pensamento captura o destroço, toma-o em seu seio e se deixa absorver na perplexidade. Se houvesse um ponto qualquer de luz ou de sentido, seria possível fazer uma pergunta. Mas, na noite, suspenso num desvão que o esteriliza, meu pensamento não sabe o que fazer da realidade. Inerte, fixo, uma lembrança que lhe acode é um peso que não se pode sustentar, um fragmento qualquer no vazio, que busca um ponto de repouso e que não encontra repouso no que busca. Meu pensamento – esforçado e nulo – deixa passar o mais importante. Ou pressente que nada pode arrepanhar e que se encontra girando no vazio. A lembrança o desafia como uma coisa útil e irrefutável, mas ele não se move de onde está. E essa imobilidade toma, em mim, o aspecto angustioso da queda.

Caio, portanto, na noite, sem me mover.

* * *

O dia é claro e nítido sobre os quadrados silenciosos das janelas. E no silêncio é que observo o dia, em silêncio nele, como uma árvore, e o que tenho à minha volta é apenas a paisagem de janelas e fachadas brancas, que se deflagram sob um céu azul que as ignora. As manchas verdes das árvores tornaram-se pedra na imobilidade do ar. Porém dizer que existe imobilidade agita uma onda em mim, que eu não esperava. É como se me despertasse de um silêncio interior onde ia adormecendo e me fizesse girar por um momento ao redor dessa idéia, transformando um pensamento de imobilidade na pedra que atiro à superfície morta do lago. A idéia agita em mim as ondas de um movimento adormecido. Agarro-me a ela, quase instintivamente, como um insone se agarra aos seus pensamentos na noite, e esse agarrar-me forma o movimento que me arrasta, conduzindo-me de súbito – cego e indeterminado como uma nuvem – em direção à consciência em que o descubro.

Mas a consciência em mim, no dia claro, participa da névoa e do sono contra o qual se debate. Ou, antes, participa desse potencial de sono em que se manifesta, arrastando-me para fora dele, sem forças o suficiente para me arrastar para fora, e deixando-me perplexo numa região fronteira onde estar desperto e dormir, saber e nada conhecer se trocam e se revezam numa dança pobre de fantasmas. Que

penso da manhã, estando nela, a olhar as casas? E o que são as casas, enquanto as olho, se há instantes, quando já as olhava mas sem a consciência de as estar olhando, era como se ainda não tivesse emergido da noite em que eu ainda não as olhava? Essa espécie de consciência, que vem do fundo e de repente se instala, me entrega o dia em sua crueldade e me diz, como numa lufada súbita de vento, que estou no dia e que existem as janelas e as fachadas brancas que meu olhar só agora se dá conta de estar vendo.

A consciência súbita de estar vendo me informa que há pouco uma parte de mim adormecia. Informa-me que essa parte adormecia mas que a noite que a encobria não era espessa o bastante para impedir a revoada, e que de repente a superfície do lago se agitou. Encontro-me desperto, portanto, numa região que ainda é aquela, mas que se alterou de algum modo, porque naquela não me era possível perceber o que percebo agora, como se não estivesse na noite mas fosse eu mesmo a noite e dela não pudesse destacar-me. Essa talvez a raiz da perplexidade que agora me incomoda e desta inquietude que me empurra para fora: esta consciência de ter sido empurrado e de não me haver deslocado um milímetro sequer para diante de mim mesmo, permanecendo inerte num mesmo lugar que é sempre outro em relação àquele em que estou. A agitação é só uma consequência do que constato. A consciência não é agitação, nem sequer uma raiz de agitação, mas em torno dela se forma alguma coisa, que se agita, e esse formar-se (esse eixo que gira ao redor do nada) desperta em mim a perplexidade.

A manhã, porém, permanece clara e silenciosa. O pensamento que me desperta não transcende o pequeno círculo dentro do qual se confina a consciência que tenho de ela ser clara e silenciosa. No silêncio da manhã, o pensamento é uma água que desce e procura a parte mais baixa. Não se conforma à claridade e ao silêncio, mas se deixa atingir por uma flecha, quero dizer, pela flecha que a consciência do dia disparou. Estou, assim, em silêncio, mas não me faço inteiramente igual ao silêncio, porque no círculo existe a agitação e a agitação é como um vento que, não existindo na manhã, existe em meu pensamento despertado. A manhã não o conhece nem lhe dirige mensagens, mas ele apanha-as assim mesmo, recolhe-as em seu seio como se lhe fossem dirigidas e, numa grande perplexidade, percebe que a manhã que o envolve é clara e silenciosa. Se há pouco estava adormecido, agora se agita (e nessa agitação existe certa calma) e olha para fora de si mesmo, percebendo-se outro numa outra manhã que agora é apenas (como era antes) clara e silenciosa. A manhã é clara e silenciosa nessa espécie de continuidade que no entanto não se percebia até há pouco. Agora, no silêncio do pensamento, ela é apenas o que sempre foi. E isso é o suficiente para me lançar na perplexidade em que me encontro.

Quando olho para fora, estou olhando na perplexidade. Não é possível manter o equilíbrio de há instantes, porque se fundava numa imagem imperfeita das coisas.

A imagem (talvez não se tratasse de uma imagem) gerava-se na distração, quer dizer, nessa região verdadeira do que sou e que nenhuma consciência agitava. Ali, tudo era calma, e o vento não soprava, e a própria claridade se derramava neutra sobre o mundo. Mas não foi possível, ou o próprio silêncio já era um prenúncio (prenúncio de alguma coisa que agora não sei definir), desmantelado em seguida por um hausto súbito do vento. De onde veio esse hausto, o que o fez surgir na quietude – são perguntas que passam por meu pensamento sem deixarem pegadas. Com efeito, o círculo tende a se fechar quando minha atenção, excessivamente solicitada, começa a se consumir no fogo de sua trôpega iniciativa. O círculo se fecha quando a atenção se converte em perplexidade, quando o que penso das coisas retorna à consistência neutra de há pouco – e quando a própria agitação se transforma numa “coisa” entre outras, deixando-se absorver pela inconsciência que é o próprio sono da manhã em que julguei despertar. Aqui, de onde olho, estou olhando a manhã, que é apenas calma e silêncio. Estou olhando em silêncio, fora da pergunta que me afligia, e tão atento em perguntar que, por um momento, já não me lembro do que pergunto.

O dia é claro e nítido sobre os quadrados silenciosos das janelas.

* * *

Devo abandonar alguma coisa? Mas o que devo abandonar? Posso ultrapassar-me e atingir uma região de silêncio onde não me torne senão a lembrança de mim mesmo, esquecido do que sou, se alguma lembrança se deve preservar no vazio? A noite, talvez, não contenha nenhuma resposta. Vasta, complexa, exclui o pensamento dessa ultrapassagem, deixando em seu lugar apenas a consciência da esperança, que o vazio desencanta e a velha indolência prende ao chão. No espaço de mim que se ilumina (se algum espaço se ilumina), o que sou de mais claro é esta expectativa hesitante – que busca agarrar-se ao pensamento e ao mesmo tempo não o quer, porque reconhece nele, em sua promessa exorbitante, a sombra daquilo que não pode. No pensamento, abandonar e ser se revezam numa dança que é apenas cansaço. E ultrapassar não toma forma nenhuma, morrendo no movimento que não principia e que a noite vem provar inexequível.

Deixo-me deslizar para o fundo, embora ainda persista na incerteza. Deixo-me descer por uma calha qualquer do possível, e quando atinjo o fundo é como se me atingisse numa ponta. Cansado, presa de uma infinita indolência, sinto-me girar no vazio, à procura do que não existe à minha volta e do que não se encontra à minha volta para ser procurado. E esse movimento em direção a coisa nenhuma me surge como um movimento em direção a mim mesmo: lembranças, sonhos, pensamentos acumulados ali, formando uma barricada. Cercam-me as sensações familiares e tudo isso que me confirma num espaço de nada onde nada se confirma. Se levanto

a mão ou se tento articular uma palavra, essas tentativas – ensaios de uma aproximação à verdade que minha fadiga desabona –, sinto-me deslizar mais rapidamente para o fundo. No fundo, a solidão é uma água espessa onde se afogam os pensamentos. No fundo, os pensamentos falam somente de si próprios e não são capazes de se agarrarem a formas reais ou verdadeiras. Dançam numa espécie de limbo onde a noite deposita sua incerteza. Agarram-se apenas aos fantasmas, que não lhes trazem senão as sombras do que a realidade fecunda no dia.

III

Como uma asa sem passado e sem norte, meu pensamento percorre regiões de cansaço e desengano e não tem idéia do que procura. Esvaziado, estéril das seduções do dia e da claridade de uma aurora que não se recupera sequer na lembrança, percorre desertos de indecisão e desânimo, buscando o que certamente não encontrará. A noite, próxima já, se anuncia chuvosa e profunda. O vento que traz o anúncio transporta também uma palavra de medo, e vem depositá-la ao pé do sono – que, espicaçado por uma ansiedade, se converte em fumo e ameaça dissipar-se num limiar. O pensamento esgarça-se no vazio. Desdobra-se em soluções e procuras, mas não é capaz de reter uma nesga do sentido: cansado, percorre regiões de secura que o esterilizam, que o conduzem mais e mais para longe e não lhe anunciam nenhum alívio de final. Vaga por imensidões interiores onde não há nada para ver. Escala os rochedos do sono, as grandes escarpas do desprezo e precipita-se no torpor, porque o penetrar nesse deserto não lhe pode trazer senão torpor.

A noite que se anuncia é chuvosa e excessiva. Se o pensamento se desgasta entre sombras, num limiar de falsas soluções que não o preenchem nem o sustentam, a noite que se anuncia anuncia-se plena de sugestões: é movimento, brutalidade, a grande agitação das coisas sem-consciência que parecem adquirir voz no tumulto. Mas o que a noite proporciona não vai além disso: de um grande tumulto sem palavras, de uma única voz multiplicada em movimento e tumulto e feita só para exprimir o que é da noite. O pensamento, no tumulto, não se realiza senão como uma expectativa de claridade. Vazio, obrigado a vagar como uma sombra pelo exterior, não pode atingir um ponto de beatitude ou de apaziguamento, porque é sempre convocado para o jogo. Percorre regiões de fastio e derrota, e mesmo assim é conclamado pela noite: para arder nela, para se queimar nela e se dissipar nela, como se dissiparia uma névoa aos primeiros sopros da manhã. A claridade o domina por fora, mas a escuridão já se apegou à sua essência. Mudo na noite, percorre um deserto de indecisão e cansaço, onde não há nada para achar.

A noite, porém, torna-se mais profunda e verdadeira. O movimento em que se debate dismantela-se no centro de seu próprio turbilhão. A noite é imensa, mas é nula, e não prepara, em suas dobras, nenhuma segurança para o dia. Antes, parece

completar-se em si mesma, consumir-se em si mesma, absoluta, como se tudo o que houvesse para além dela não fosse mais que a fantasia de um sonâmbulo. Nela, o pensamento não se converte em caminho nem desejo de realização. Vazio, nulo, tão estéril quanto o próprio movimento da noite, percorre o deserto de suas próprias suposições, conhece o cansaço e o esquecimento e não pode realizar-se numa forma. A noite à sua volta é deserta e confirma a imensidade do deserto. Agita-se, eletriza-se em vento e anúncio de chuva, mas tudo isso é exterior e não tem nenhuma consistência de convocação. E nela, imóvel, ou a se mover sobre um deserto de sombras, o pensamento é uma asa sem passado que se procura onde sabe que nada para encontrar.

* * *

Ah, nada é isso, nada é assim!
(Fernando Pessoa)

Neste silêncio e nesta imobilidade, meu pensamento é um lago sem nenhuma lembrança de tempestade. Mesquinho, pobre, aprisionado entre paredes, pressinto o dia lá fora – de vento e luminosidade –, mas não sou capaz de mover-me e ir ao encontro do que me oferece. Em silêncio, permaneço morto na perplexidade, examinando uma nesga de sombra na solidão, imerso inteiro num pensamento que não me salva. O dia lá fora é de vento e luminosidade. Quando me lembro disso, quando penso que estou aqui e que, se fizesse um esforço, poderia lançar-me em direção ao dia, uma névoa de inquietação se alastra dentro de mim. Tudo é claridade e dia, mas estou aqui dentro, num ponto qualquer interior deste infinito, e apenas posso pensar no que não realizo, inerte numa quietude que me desola mas que acaba se tornando tudo o que sou. O sentimento de uma urgência que a imobilidade devasta me lança de encontro à inquietação. Em silêncio, penso no dia lá fora, lembro-me de que existem o vento e a claridade, mas nada empreendo a favor do pensamento de me lançar para lá, que apenas flutua dentro de mim como uma brisa que deslizasse sobre a superfície espelhada de um lago. O silêncio me basta e me preenche. A imobilidade em que me encontro me basta, atordoando-me mais, forçando-me mais em mim mesmo, onde me comprimo em direção a um centro que sou eu mesmo em silêncio e sem expectativas de alcançar o dia claro lá fora.

Comprimo-me contra um centro que a imobilidade propicia e torna mais estável no silêncio. A hora foge indiferente, como uma água invisível que apenas sei que está correndo, mas que nada oferece de certeza ou de claridade à expectativa do meu olho em que tudo se esclareceria. Fogue, passa, desce para o fundo como uma água. E eu aqui dentro apenas posso pensá-la, supô-la muito vagamente, pois estar imóvel não me oferece nenhuma garantia. Antes, a imobilidade em que me encon-

tro desbarata ou inutiliza todas as medidas. Imensa, neutra, calma como uma grande superfície úmida à luz do dia, nada oferece que se pareça com uma medida. Nada conhece de esforço e velocidade, e por isso me descompassa interiormente, como uma grande seca inutiliza um deserto. Estar aqui, sabendo o dia sem buscá-lo, é ser um vasto deserto que o sol recresta por cima e nada conhecer de fertilidade ou amanhãs, os quais me levariam para a luz. Meu pensamento se conforma, se estagna numa ampla calma sem contornos. E nessa calma toda lembrança, toda memória de esforço e consecução se esvaziam, pois nada pode medrar em sua orla. É vasta e verdadeira e me torna pequeno, e me põe à deriva na hora, que escorre para o fundo como uma água misteriosa.

Para alcançar o dia seria preciso desejá-lo. Mas aqui, neste silêncio-imobilidade, toda coragem se dissolveu, abrasada por um grande vento que é cansaço. Desfaço-me em indecisão e cansaço e não sou capaz de desejar. Desmantele-me, na pressão que meu próprio peso exerce sobre mim, forçando-me para baixo e para o centro, onde não sou senão uma sombra sem palavras. Desgasto-me nesta abrasão que é ser eu mesmo em silêncio no dia, aqui dentro, a pensar no dia e na claridade, mas incapaz de ir ao seu encontro. O silêncio e a imobilidade não me satisfazem, mas estou resignado a eles como se estivesse resignado a uma evidência. Mas não existe nenhuma evidência. A hora corre, desce, escorre para o fundo. O dia é claro do lado de fora, e o pensamento é um lago resignado ao seu próprio peso, e tudo o que concebe como evidência não é mais do que um equívoco, porque na imobilidade e no silêncio não existem provas que amparassem uma evidência. Esse estado, essa incapacidade, esse infinito conforto que se mistura à preguiça e ao desprezo não permite que nada se forme, sequer o desejo de sair para o dia, e tudo consome numa abrasão.

Neste silêncio e nesta imobilidade, meu pensamento é uma sombra que nenhum ardor ousaria instigar.

* * *

Construo-me nisto, como me construo em desânimo, e a tarde é longa demais para que eu a suporte. Não me resigno a nenhuma evidência, mas é como se me resignasse, porque se empreendesse um gesto qualquer acabaria fatalmente retornando ao começo, ao ponto de partida onde todos os gestos se desvitalizam. Minha coragem se dissolve na água de suas inúteis projeções. Meu pensamento se esgarça entre ramos, se dissipa em fumaça que não é capaz de conter dentro de si nenhum contorno verdadeiro. Se houvesse uma possibilidade de rebelião, eu a empreenderia, me entregaria a ela com a sofreguidão de um naufrago que buscasse agarrar-se a um fantasma. Mas não existe possibilidade. Não se cogita uma alternativa, e a tarde é longa demais para se tentar. A tarde é clara demais para que se pense em

alternativa. Tudo o que traz ou fecunda é o pensamento vazio de que não existe uma alternativa. Espessa, imóvel e absoluta, a tarde converte em silêncio todas as esperanças de revolta: anula na semente todos os pensamentos de revolta, tornando estéreis suas conseqüências. Quando penso em mover-me, quando imagino um “começo”, a simples idéia de que há luz à minha volta me atordoa, fazendo-me desistir da iniciativa. Na tarde, converto-me em meu próprio silêncio. E no silêncio me sinto esmagar contra um centro, que sou eu mesmo em meu silêncio. Sinto-me abater sob o peso de minha própria desolação.

As coisas são agudas e verdadeiras ao redor. Quando me dou conta de que o são, uma perplexidade me invade, tornando-me menor e menos seguro de que o sejam. A tarde é longa e as coisas são nítidas, mas o esforço de pensá-las é nulo, complica-se demais em suas indecisões e não é capaz de ultrapassar um limiar. Na tarde – que é apenas luz e pensamento – um pensamento de sair não seria senão uma sombra. Ou, antes, não seria senão essa sombra que o próprio tumulto esvazi-asse, impedindo-a de assumir qualquer contorno na queda. Mas aqui também o que chamo de tumulto é só uma ilusão de meu pensamento. Cansado, inerte, agarrado à minha própria imobilidade que me pesa como se fosse um enorme rochedo a que eu me encontrasse agrilhado, todo o tumulto que pressinto existe em meu próprio interior, que não é nada e se fecunda por uma expectativa de movimento. Antes, dissolve-se numa água de despropósito e inapetência, encharca-se dessa água que o compromete e, quanto mais se pensa leve e ágil e verdadeiro, mais o lança para baixo, tornando-o semelhante a tudo aquilo que se arrasta. Nesse espaço vazio a que chamo de meu interior, o pensamento é uma vaga brisa a percorrer em silêncio a superfície de um lago. Enclausurado, cercado por altas montanhas de preguiça e imobilidade, o pensamento nele é só uma ave que se resignasse, que desistisse de horizontes e procuras e se resignasse à forma completa e finita de um círculo. Na imobilidade e no silêncio o pensamento gira num círculo à procura do que nele não está e não pode ser encontrado. Vazio, compõe, com o seu próprio movimento, o círculo por dentro do qual se movimenta, e que é por isso toda a sua idéia de infinito.

Todo desejo de sair e alcançar o dia parece ter-se afundado como uma quilha nesse grande lago interior. Todas as palavras que pudessem propor uma solução estão agora comprometidas num círculo e se tornaram nulas e circulares. Se a tarde lá fora é luminosa e verdadeira, neste (qualquer) lugar onde me encontro parado o pensamento dela se alimenta de uma vaga lembrança e de uma expectativa que nada contém da verdade em que ela existe. A tarde é, portanto, verdadeira do lado de fora, para além deste pequeno círculo de imobilidade e cansaço em que ancorei. É verdadeira num excesso de luz que só imaginá-lo me desola. É nítida e clara num tempo de encontro e certeza que não coincide com este movimento circular. Na tarde, o vento agita folhas de árvores novas, e os pássaros cruzam um ar que se

pode respirar na verdade e que os conduz para além do círculo de seus estreitos horizontes. Aqui dentro, porém, tudo isso é imaginação e fastio, desolação que se mistura à inapetência e me amarra a uma grande rocha sem amanhã. Vazio, débil, penso na tarde que não vejo. Imagino a tarde numa vasta claridade inacessível, e só esse pensamento é capaz de despertar em mim uma inquietação. Mas a inquietação não se converte em movimento. A lembrança da tarde não se converte em decisão. Preso num círculo que não existe, contento-me com o pensamento da claridade. Aguardo, embora não aguarde um acontecimento ou uma deflagração que me levasse para lá.

* * *

Num sentimento de todas as coisas que a luz recorta e oferece à verdade, bloqueado pela própria certeza da luz, estou parado num limiar. Estou parado num limiar de mim mesmo, onde penso, sem que nada me faça avançar. A luz é plena, mas é exterior, e ser exterior me devolve a mim mesmo numa perplexidade. Onde há o dia, as coisas todas estão nele, porque em meu pensamento há perplexidade. Encontro-me parado neste limiar, onde penso, vergado ao peso de um cansaço. Lá fora as coisas são exteriores, como se o serem exteriores só fosse possível porque existem janelas para vê-las. Mas o dia é de calma e imobilidade; e olhar pela janela nada me traz senão a constatação de serem elas exteriores. Estou parado neste limiar de onde olho. Meu pensamento está parado, como um grande lago em expectativa de vento. Porém não há vento neste dia de julho. Há apenas o silêncio de fora, recortado alguma vez pelo ruído de um motor, e esta expectativa de uma outra coisa. Tudo é exterior, e essa expectativa de uma outra coisa não ultrapassa o limiar da perplexidade. No dia, é só um sinal que me põe alerta. Na hora silenciosa, é só um aviso que me desperta para a apreensão.

Quando penso em saltar para a luz e me agarrar ao sentido de estarem as coisas lá fora, é como se pretendesse saltar por cima de mim mesmo. Pesado, inerte, preso ao pensamento desta imobilidade, tudo o que faço é me deslocar lentamente para o lado, sem no entanto me deslocar para a verdade. Antes, é como se penetrasse mais para dentro da sombra, como se me compromettesse mais com o que nela é escuridão e silêncio. Quero a verdade do dia, a cintilação de um sol ou os contornos recortados da folhagem na claridade, mas nada mais faço que me deslocar lentamente para o lado. Incapaz do salto, sinto-me arrastar para dentro da sombra, esmagado por um pensamento que é a sombra e que por isso não se resolve em claridade. Atordoado, meio dissolvido na sombra, apenas pressinto o que deveria fazer, mas uma inaptidão, uma letargia que não é dos músculos e só diz respeito ao pensamento me paralisa. O dia é claro, silencioso, as formas são claras e silenciosas – laranjeiras ao fundo, azul de céu e pássaros num pomar – e no

entanto não posso deslocar-me para lá. Arrasto-me, como um animal ferido, sobre a própria idéia de me deslocar. Essa viscosidade de arrastar-me revela minha condição, como se eu não pudesse, agora, fazer mais do que me dar conta de que tudo é assim. Quero, planejo, mas nada mais faço que me arrastar por sobre minha própria intenção. Vazio, branco, imerso em sombra e perplexidade, apenas alcanço constata-lo, vendo que, lenta e lucidamente, estou sendo arrastado para baixo.

Mas não me sinto afundar. Com efeito, a sensação de ser arrastado provém apenas da impressão: como um grande bloco de pedra, que nada pudesse realizar a partir de seu próprio peso, estou parado no começo: olhando e pensando, olhando e pensando o que não posso ver nem pensar. Dentro de mim, num recesso qualquer da vontade, uma voz murmura uma afirmação, mas tal afirmação não tem prosseguimento na luz. Embora possa ouvi-la com abstrusos ouvidos interiores, não sou capaz de encaminhá-la para a ação: ouço-a, apenas, cego para tudo o que seja prosseguimento, embaraçado numa vaga repugnância que é cansaço. A voz me dita o sentido da ação, dita-o no silêncio de um pensamento que se cansou, e no entanto a própria idéia de agir – com seu enorme peso, com sua complexa estrutura de ar – se constitui no maior obstáculo a toda ação. Mesquinho, quase reduzido às proporções de um pensamento, contemplo de baixo a enormidade da tarefa: sou a contemplação dessa enormidade, que se dissolve em si mesma e se termina em si mesma como uma hipótese que se contradiz. A ação, no dia e na claridade, é maior do que eu e do que todas as justificativas que a favorecem. Lá fora – apenas lá fora – existe ação, e basta esse pensamento para que eu me sinta afundar mais e mais numa viscosidade que a detesta.

Com efeito, estou parado num limiar que é recusa e sombra para alguém de todo anseio de claridade.

* * *

Asa – como um chamado: o pássaro pousa no sem-sentido que é o sentido de pousar. Lá fora, o dia deserto começa lentamente a povoar-se de injustiças. Ouço os ruídos que vêm de fora, como se os estivesse ouvindo numa lembrança. Com efeito, alguma coisa me diz que devo participar, mas aqui dentro, refestelado numa preguiça que me dissolve por dentro como um álcool, qualquer idéia de participar me soa como uma exorbitância ou uma ofensa. O pássaro que vejo é qualquer coisa, o ruído que ouço é qualquer coisa, o menino que passa na rua é qualquer coisa, e basta-me pensá-lo para que toda idéia de começar (seja o que for) se dissolva depressa nesse pensamento. Participo, então, da realidade exterior num pensamento de imobilidade que repugna toda idéia de participar. Antes: participo do que não me diz respeito numa imobilidade que responde às perguntas do dia e, saltando por cima de toda urgência, protela o próprio gosto de protelar. Assim, o pássaro que pousa lá fora

está pousado em meu desconforto. A brisa que sopra contra as folhas da árvore está soprando contra um pensamento de imobilidade no qual não deveria haver nenhuma árvore ou folha. Sopra apenas, sobre a neutralidade do dia em que isso é possível, e me incomoda apenas porque sopra. Porém, imóvel aqui dentro, mudo, respondo a ela com um vasto pensamento de inércia. Todas as coisas acontecem numa indiferença em que acontecer anula o próprio sentido de acontecer.

Estou cansado e vagamente perplexo de alguma ação que não ensejei. Estou como se tivesse esquecido meu próprio nome numa longa maratona de silêncio, como se tivesse atravessado um deserto de expectativa que tornou absolutamente inútil esperar. Aqui dentro, perdido numa imobilidade que não consigo resolver (como se fosse eu mesmo a única conclusão para um processo de desistir que só o tempo me ensinaria), estou olhando para fora e compreendendo alguma coisa. Estou aprendendo alguma coisa, que é este silêncio imóvel em que me dissolvo, em que me desperdiço de antemão, e isso é uma resposta ao vô do pássaro lá fora. O pensamento em que o conceito é branco e simples como o vô do pássaro: a idéia em que o sustento (em que me sustento quando penso) é neutra e clara como um horizonte, e por isso se resolve em imobilidade. Posso avançar para além dela, sem trair o pássaro ou a inércia? Posso dar um passo para a frente, sem que a lembrança de o ter dado me atordoe até o ponto da estupefação? O dia é claro, embora não o seja para alguém da janela. O vô do pássaro que pousa é claro e verdadeiro, embora só o seja do lado de fora. Aqui dentro, no cansaço das portas e das escadas, não posso transformar a imagem do vô em relação ou consequência, porque isso trairia minha idéia de imobilidade. Não posso dar o passo em que me transformaria num começo, porque se o fizesse estaria traindo a perplexidade.

Sinto-me, portanto, cansado de uma qualquer ação que sequer concebi. Sinto-me exausto de uma batalha que não travei (que seria contra aquele pássaro), de um começo que me escapou e assombra este momento com a proposta vazia de um começo. Estou parado para alguém do limiar, olho pela janela e descubro o dia, e assim me sinto afundar (embora não me afaste jamais de meu ponto de partida) em inércia. Arrasto-me ao redor de mim mesmo, espreiro uma oportunidade e no entanto não posso afastar a sensação do afundamento. Lembro-me do instante anterior. Convenço-me de que o que fiz, nele, pode ser refeito ou recomeçado no instante de agora, mas nada na luz ou na claridade me confirma que existe tal relação. Antes, perdido em meio a sensações que recusam o pássaro ou a consciência que tenho dele, ou que recusam a idéia de que eu possa recusar o que quer que seja, vagueio, insone, num labirinto de vertigens cuja saída desemboca no pasmo. O pássaro, seu vô claro sobre o instante, escapa inteiramente ao meu domínio. O dia que se inicia, que novamente e novamente se inicia, acontece aos pedaços numa deriva exterior: é o que há de exterior (o que a janela confirma numa posição exterior), e assim tudo se converte em naufrágio. A claridade se coagula sobre

formas que não se ligam por uma necessidade de contornos. A voz que ouço soa no infinito de uma neutralidade onde nenhuma voz pode soar. O pássaro que pousa pousa no sem-sentido que é o sentido de pousar. E eu, aqui dentro, despertado pelas adagas do dia, não sou mais que o meu próprio desencanto, perdido no labirinto que tem o dia por contorno.

* * *

Vago e afundado em sua própria inconsistência, meu pensamento espera na noite achar aquilo que a noite não propicia. Cego para o que importa, gira ao redor de si mesmo, num frenesi de procuras, enquanto a noite se esfria e desce para oeste, anunciando o que não é senão a treva em que se realiza. Meu pensamento não sabe como parar. Atingido na asa por uma flecha de insônia, gira dentro da noite ao redor de si mesmo, procurando o que não pode encontrar, o que se oculta na noite numa evidência exasperante. Girar é tudo, enquanto o tempo escorre para o futuro. Girar tem o mesmo sentido de afundar, e assim meu pensamento se realiza no círculo em que se consome: gira ao redor de si mesmo, como se procurasse alguma coisa que a noite não pode prover. E a noite é fria para além de toda possibilidade de parar. O frio da noite obstrui os caminhos e paralisa o ânimo, deixando em seu rastro uma ruína de portas fechadas e solidão, que nada na noite humaniza. Meu pensamento se debate no interior de sua própria armadilha. Minha intenção se esvazia no interior de sua própria armadilha, mirando um alvo que a noite já lançou nas alturas, que já tornou inacessível e por isso não pode ser mirado.

A noite é fria como uma placa de gelo ancorada no desgosto. Dentro dela, todo pensamento de alcançar – de uma chegada qualquer que não seja ao desprezo ou ao sonambulismo – está condenado ao fracasso, porque não se pode alimentar a não ser das suas próprias fabulações. O desejo de um centro, de uma referência na sombra se converte lentamente em dissipação. A fantasia de uma meta se converte em dissipação no silêncio, e a noite se realiza para além de tudo o que ela promete. O pensamento se converte em ruína, todo senso de orientação se estagna em esterilidade, e todo desejo de sair é vazio. Não há senão estar girando no silêncio, ao redor de um centro no deserto; não há senão estar mirando o que não se sabe e não se pode procurar. E a noite, que é vasta e profunda, e o frio nela, que tem o gosto da solidão e do erro.

* * *

A tarde é fria, como se a sombra que a escurece não tivesse origem na própria sombra, mas no pensamento da sombra em que a tarde se revela. A tarde é fria num pensamento da tarde: fria dentro de mim, que penso e olho pela janela para

ver a tarde lá fora, como se pudesse ver também o frio da tarde convertido em sombra. Meu pensamento é a sombra da tarde, embora nada exista nele que se revele como sombra. Com efeito, o frio da tarde me percorre – torna-se um frio interior, inunda meu pensamento e coloca sombras na tarde, conquanto a tarde não seja meu pensamento nem minha ilusão de consciência em que se manifesta. Numa região qualquer de si mesma, a tarde é única, ela mesma uma propriedade dela, que meu pensamento não deve invadir. Nela, nessa região exterior, a sombra é a sombra da tarde, a sombra que gela a tarde como se gelasse um pensamento, mas isso não é um pensamento. Aqui dentro, para alguém da janela, o que sinto é também uma tarde e se converte em tarde e se projeta em sombra na tarde, mas não tem nenhuma realidade que possa antecipar-se à realidade da sombra que há lá fora. A tarde é fria, como se a sombra que a escurece não tivesse origem na sombra, mas a sombra é ela mesma a única sombra da tarde. O pensamento só acrescenta às sombras interiores. E nas sombras interiores concebe o frio da tarde como uma sombra: um empreendimento sem futuro que haver sol só poderia decepcionar.

Estou aqui dentro, pensando no que me ultrapassa em direção ao que não sou. Estou olhando pela janela o céu enfarruscado da tarde, e estou misturando à sombra da tarde esta espécie de sombra que se estende por dentro de mim e que, pensada, não tem origem em nenhuma tarde. Sou a própria origem da sombra, num recanto interior onde não se origina coisa alguma. Sou o começo do que me abrange e me oprime na sombra, e no entanto não sou o começo de coisa alguma. Vazio, cego para toda certeza interior, apenas sou capaz de misturar num equívoco a sombra interior à sombra verdadeira de lá fora, que nada sabe a meu respeito, e o máximo que faço é me confundir. Confundo-me, num pensamento em que aspiro a apreender a verdade do meu erro e só apreendo o erro em que me equivoco. Naufrago no pensamento exorbitante da certeza e quando penso que naufrago nada mais faço que permanecer inerte em meu ponto de partida. Sou o pensamento do naufrágio, imóvel sobre uma superfície que não me permite naufragar. Confundo-me, vítima de minha própria soberba, com o pensamento dessa superfície e, quando a penso, permaneço imóvel nela, ancorado nela, equívoca, julgando-me prestes a naufragar quando nada mais faço do que permanecer imóvel no mesmo ponto.

A tarde é fria em si mesma e fria nessa espécie de deriva interior. Imóvel, nulo, a pensar de mim o que fora de mim não é senão a sombra exterior, tento apreender o ponto de imbricação entre o vazio de dentro (que tem a forma do cansaço) e uma coisa que não sei o que é e que se manifesta lá fora como sombra. Sou, portanto, imóvel em meu ponto de partida, aquele que se dá conta de que está imóvel. Perscruto essa imobilidade, como se não pudesse convencer-me dela, como se pudesse transformá-la em movimento e pressa, e todo esse esforço só aguça em mim o gume da perplexidade. A tarde é fria para além da perplexidade. Toda a imobilidade exterior – que chamo de frio e sombra e imobilidade – não é senão

ilusória, senão uma criação de meu pensamento que não sabe o que fazer de sua inquietude. A tarde precipita-se na noite e a sombra adensa-se pouco a pouco em escuridão. Mas aqui dentro, imóvel, ainda penso que a sombra está imóvel – concebo uma imobilidade que nada mais é do que a exacerbação de meu equívoco. A tarde é imóvel e breve e fecunda em seu precipitar-se para a noite. Mas aqui dentro, neutro, encalhado em perplexidade, não posso engalfinhar-me senão com o erro em que penso isso e me concebo naufrago na dissipação.

IV

(A LÂMINA)

Quero dizer da noite o que não sei. Quero saltar na noite em direção ao que não tenho – dizer a frase menos perfeita que diz a noite, a sombra da noite dita na frase. Quero a palavra que diz isso – e no entanto estou mudo, preso na sombra, e pressinto uma nesga de sombra à minha volta, estando apenas perdido na treva. Basta uma gota de treva para que eu inteiro me apague, esqueça a glória do dia (se a houve) – basta o vento mais leve da noite, a roçar de leve a chama do sonho. Não sei quando poderei dizer isso – nem que palavra ou pensamento (ou a mentira de um pensamento) direi, onde caiba a verdade da treva. A noite é tudo ao meu redor. A certeza da noite retraça o círculo de incerteza ao meu redor, mas eu mesmo nada sei, a não ser que uma parte somente me é dada. Aqui, de onde estou olhando, nada posso deduzir. E nada posso amarrar a uma verdade da treva, exceto talvez uma esperança sem fundamento, que gira dentro da noite como um morcego. Que poderei fazer de mim mesmo ao amanhecer? Uma certeza da luz me abrandaria, mas eu caminho, caminho, dissolvo-me todo em paisagens, disperso-me. Uma coisa simples, uma suspeita de simplicidade. Digo-me isso, como se me convencesse, sentado a um canto, e penso no efeito do que digo. Que ouvido fatal acolheria tais palavras? Que pensamento poderia concebê-las?

Perguntas. Lama. Destroços da incerteza na sombra. E entretanto, quer eu o pense ou o ignore, há a presença de uma coisa, a agudeza de uma coisa ao meu lado, que eu toco com dedos reais e que me faz pensar no que toco. Estar desperto na noite é agudo e tem a espessura de uma lâmina. Estar no centro desta lucidez é fatal (e tão espesso que antes mesmo de sair eu já me canso de estar buscando). E esse centro que existe é segura – como se fosse a leveza de um pássaro no mais espesso da lama. (Pensar a lama na lama – eis a palavra. Poder dizer *lama* como quem pisa na lama diz isso.) O que mais poderia deslocar-me do centro? Que mão indefinidamente audaciosa? Que espécie de sangue pulsaria em minhas veias, contaminando meu sangue de propósitos? E no entanto estar seguindo me supera imensamente, tem o gosto de chegar antes de ter partido. Mas não se pensa aqui

em chegada. Não se quer, aqui, um pensamento de chegada. Basta habitar o centro do círculo e transpor o centro numa vaga confusão de sabedoria. Conduzir os jarros até a borda, talvez, sem deixar que eles se partam contra as pedras. Não permitir, sobretudo, que se quebrem as taças. Realizar, enfim, operações de uma ambição, como a de um pássaro chafurdando nas mentiras de seu vôo. Por exemplo: seguir o fio por entre corredores; procurar a jóia num armário. Por exemplo: desenhar meu próprio nome num muro, ou executar um passo arriscado, equilibrar-me num peitoril.

Não me propus, pois não o quis, estar aqui nem agora. Nem me propus esperar da noite o que ela mente sempre: suas mil e mil portas impossíveis, seus sete mil leões de impossibilidade. Nem me desgastaria tanto batendo no equívoco dessas portas. Construiria nichos de estabilidade ao pé dos muros, atravessaria as grades, depositaria minhas laranjas em cima da mesa. Depois, daria uma volta pela rua, ou acenderia um candelabro, um sol, talvez, em agosto, e me faria admoestações em segredo. E não seria esta sombra sem sustentáculos, esta silhueta que percorre a noite à procura do que não encontrará. De pensamento em pensamento, me deslocaria para fora – me afastaria deste centro e me tornaria tão nítido para mim mesmo que ouviria uma folha cair. De pensamento em pensamento, me deslocaria para fora – teria, no interior da mente (da mente possível, prometida em palavras), uma idéia de Mim que subsistisse, e então sairia com ela para as ruas. Diria: não o interior desta treva, não este centro de mim que se confunde com a treva. Seria uma asa outra, entre duas palavras, uma pegada outra de leão enquanto caminha pelo lado de cá de sua morte.

Essas coisas me alegrariam na base do pensamento. Colocariam em minha vida uma ternura doce, a própria alegria dessa ternura. Lançariam meu vôo para além do abismo que o dilacera e me encaminhariam para oeste. Isto seria o melhor: estar do lado de fora, no possível; não circular como uma lagarta meio esmagada sobre os escombros do que foi. Isso me ajudaria – seria como uma pronúncia clara nome adentro, uma criança a desvendar o labirinto. (E como tenho sonhado essa alegria – eu que nem sequer me lembro de um dia a ter sonhado!) Não seria esta eternidade, ou esta estátua antiga em cima de um mármore invisível, ou esta forma olímpica a se desperdiçar no morno (essa dissolução da nitidez em claridade). Traria excesso ao que sou e deporia brutalidade no que se perde.

Como seria brutal esse instante! Como teria graça e perjúrio – ressuscitando a mentira na treva. (Eu mesmo posso sonhá-lo? Não tenho passado tempo demais na parte de cá para sentir-me capaz de sonhá-lo?) Que miséria esta sorte de nada! Que porcaria estar no centro, sem perspectiva nenhuma de ultrapassagem! E logo eu, a quem uma velha cigana teria chamado de homenzinho, principiando em homenzinho e depois reinventando-o inteiramente no “possível”? Como era simples ser isso nesse tempo... não estar dissolvido em *aquém*. E havia os passeios no campo – a

catarata, a quimera, a borboleta distraída. Era bom como a sombra de uma árvore – tão claro como a superfície de um lago. Nesse tempo... Mas como “nesse tempo”? Se tudo isso aconteceu *agora*? Mas agora é tão pouco – há tantas pistas para decifrar... Há que descer todas as escadas, construir uma torre na ilusão de pensar escadas e mentir. Não sei se lograria forças. Tendo sido tão pouco por tão longo tempo, não sei se não me embaraçaria em probabilidades.

.....

A ESCADA

I

Desço por uma escada de incerteza e, quando chego ao fundo, não sei por *onde* prosseguir. Desço por uma escada de pensamento na escuridão, sabendo que desço – porém, não sei por que estou descendo e, quando chego ao fundo, não sei por *onde* continuar. O fundo é esse pensamento de perplexidade que descubro. No fundo, toda a verdade da descida, todo o sentido de descer, se convertem na dificuldade que borra os contornos e faz esmorecer a coragem, convertendo-se ela também numa negação de toda coragem. Meu pensamento alcança o fundo antes de mim. E, alcançando o fundo, revela-se como o pensamento desse pasmo que nada conhece – como o pensamento desse impasse de saber o fundo como um limiar, mas de não saber por *onde* prosseguir. Desço, às cegas, em mim mesmo, ou iludido pela pretensão de que chegarei ao que procuro (embora eu nada procure). No fio desse pensamento em que desço – na escada de indecisão que me leva ao fundo–, sou apenas aquele que se deixa levar e, quando chego ao fundo, não sei por *onde* prosseguir. Prosseguir é uma urgência que me incendeia e atea o fogo de minha esperança. É a própria idéia de haver uma esperança a me conduzir, forçada de cima pelo descer. Mas, quando alcanço o fundo – como se alcançasse o fundo de meu pensamento –, tudo o que tenho é a perplexidade do fundo, a consciência aguda ou neutra de não saber como continuar.

O impasse transforma minha coragem numa cinza. Transforma em nada minha esperança e em noite escura meu ardor. Quando chego a essa espécie de fundo, sinto-me em véspera de alguma coisa, mas aquilo de que estou em véspera me escapa completamente ou não tem sentido de realidade. Quando chego a essa espécie de limiar, tudo o que tenho nas mãos é a sombra de minha própria ansiedade – convertida primeiro em coragem e logo depois em obstáculo. No fundo, qualquer idéia de avançar esbarra no impasse em que se converte. O desejo de prosseguir se torna desejo de parar. Porém estar parado acende ainda a chama de uma expecta-

tiva. Parado, cego no centro de uma estupefação, tudo o que me fica nas mãos é este ouro pobre de uma perplexidade que se converteu em obstáculo. Nada me impede de avançar, senão a própria idéia de avançar. Qualquer pensamento de uma continuidade tem de se confrontar com tal complexidade: de ser um pensamento de avançar no qual a idéia de avançar se instala como uma espécie de obstáculo. Assim, parado, cego no centro, estou pensando no que me ultrapassa – e tal pensamento, e o esforço de o conceber, desemboca em despeito e desagregação.

Desço por uma escada e, quando chego ao fundo, percebo que desci por minha própria indecisão. Percebo no fundo que não desci senão pelo que não posso finalizar – e esta é a raiz do impasse em que me demoro. Ou, antes, esta é a raiz do impasse em que me debilito, devastando em mim uma paisagem interior onde seria possível estabelecer-me. Porém não sei como chegar a tal paisagem, não conheço nenhuma paisagem e estou cansado demais, vazio demais, nesta posição, para que possa, saltando por cima de mim mesmo, iludir-me com a perspectiva de alcançá-la. Não posso alcançar o que quer que seja: quando chego ao fundo, descubro que não posso alcançar o que quer que seja – que estou vazio e debilitado e que não há como decidir-me por uma direção. Tudo se converte em treva e combinatória – cada sinal que decifro se anula imediatamente numa contrafação, como se só assim pudesse significar mais plenamente. Cada sinal é uma instauração – uma porta aberta num labirinto, mas eu não tenho como me decidir. E a noite ao meu redor é apenas o fragmento de alguma coisa que não surgiu.

II

Ainda – e sempre – no começo de alguma coisa que no entanto não se inicia. Parado no limiar, como se estivesse prestes a me disparar em direção a alguma coisa, mas sem a coragem de me disparar. A noite lá fora é fria e negra. Quando penso na noite lá fora, me vem a sensação de que dissipo inutilmente um tesouro que não me pertence, que eu deveria dissipar de uma outra maneira que ignoro. Quando penso na noite lá fora, que é fria e longa e que no entanto passa, escorre em direção ao amanhecer, a consciência de que estou parado se torna mais aguda, insuflando-me o sentimento de uma urgência que, apesar de tudo, não me põe a caminho. Parado neste limiar, a pensar no que não me é possível conceber lucidamente, só o que sei é que não me ponho a caminho. E não me pôr a caminho pesa sobre mim com a gravidade de uma urgência. Estou parado, nessa urgência, a olhar para uma espécie de futuro que recuso. Olho e não vejo esse futuro, penso e tudo o que sei é, apenas, que estou parado, a pensar no que não compreendo e a sofrer na carne a lâmina aguda de uma urgência. Para onde iria, se resolvesse me pôr a caminho? Ou, melhor, que caminho tomaria, caso me resolvesse, fosse qual fosse a direção a tomar? Estou parado neste começo, onde penso, e tudo está parado comi-

go. O peso da noite e o frio da sombra estão parados comigo, sem que eu, no entanto, seja capaz de me mover. E não ser capaz de me mover me dá a consciência de que, de algum modo, eu deveria me mover, fosse qual fosse a direção a tomar.

Se estar parado me dá a consciência de que não me ponho a caminho, a consciência de que não me ponho a caminho é a lâmina cujo dente se crava em minha carne por cima. O peso que suporto, pressentido nesta comédia de limiar, se origina, portando, dessa dupla sensação. Penso no que não estou realizando (o começo de alguma coisa a que não empresto minhas energias), como se pensasse no que realizo. Estou parado no limiar, mas é como se estivesse parado no ponto onde já não é possível nenhum limiar. Estou parado no começo de mim mesmo, como se estivesse parado num limiar, mas não há por onde prosseguir. A noite, lá fora, é fria e ácida como uma lâmina, e meu pensamento que a percebe sofre a agudeza dessa lâmina. Tudo me diz que devo continuar – que o que me resta a fazer é dar um passo e me pôr a caminho, mas quando penso nisso me sinto esmagado contra um rochedo. E a lâmina, lá fora, empurra contra mim o peso da noite. E a urgência de começar empurra contra mim o peso de um pensamento – que eu, parado no limiar, sofro como se sofresse a agudeza de uma lâmina. Estou parado no ponto onde a lâmina se inicia e estou parado no começo, latejando aquém do começo e sem fantasias de um prosseguimento. À minha volta só há o impasse em que a noite se complica, só há o inútil nódulo desse impasse que nenhum pensamento desfará. Não há desfazer o nódulo de impasse em que me demoro, em que me adio para uma decisão. Cada instante que passa é mais uma pedra que se empilha para formar o muro desta consciência contra a qual me esmago: desta consciência de estar parado e de ter a consciência de que seria necessário começar.

Na noite fria e cinzenta de lá fora, o vento que fustiga a folhagem é a pronúncia da palavra que diz que nada se inicia neste limiar. O vento que esfria a noite anuncia na noite a certeza do impasse – deste estar imóvel numa soleira que no entanto não é indício de nenhuma porta. Estar de pé nesta soleira é estar de pé em pleno deserto ou em qualquer lugar onde não se pode pensar numa porta porque todas as direções se equivalem. Assim, parado num começo que é o começo de mim mesmo, estou parado no centro de uma indecisão que é semelhante a uma planície deserta que se abre, por todos os lados, para todas as direções. A própria palavra “possibilidade”, que se pronuncia na planície, se pronuncia numa impossibilidade onde todas as possibilidades se esvaziaram. Estar parado neste começo é estar parado no centro de um círculo que se abre a todas as possibilidades, como uma planície se abre em direções que, todas elas, conduzem por fim ao fracasso. Não posso dar um passo para a frente, porque pesa sobre mim a possibilidade contrária de permanecer parado no limiar. Não posso tomar uma decisão, porque me denuncia, em cada começo, o pensamento íntimo de que não tomo nenhuma decisão, de que, tomando uma decisão, eu apenas roço a possibilidade verdadeira e única de

permanecer indefinidamente parado, de pé, neste limiar. Todo começo se revela aqui como um fracasso. E a planície, que se abre em porta à minha frente, se abre em porta num pensamento de começar que se dissipa num círculo ao meu redor.

Estou parado no começo como se estivesse parado num limiar. Estou no centro de um deserto possível cuja extensão desconheço – e tal desconhecer me diz que estou parado num limiar. Porém nada se forma além do círculo de caminhos que se abrem ao meu redor sem se abrirem. Nada se completa para além do círculo que me confina, confinando em mim o desejo da porta e a possibilidade de atravessá-la. Branco, neutro de toda decisão, este limiar é o aviso, a palavra do vento que me diz o possível, sem me dizer que devo seguir qualquer direção. Com efeito, toda decisão parece girar e multiplicar-se no círculo de caminhos de ao redor. No centro do círculo, assisto à dança dos possíveis, como se assistisse aos meus próprios pensamentos inexatos – concentrado neles como se me concentrasse nos grãos de poeira de algum ar.

AQUI

I

O pensamento é leve, porém tropeça na pedra. E a pedra em que tropeça o torna pior e menos preciso, desgastando-o como desgastaria um tecido que se arrastasse entre espinhos. O pensamento é leve e persegue uma coisa leve na segura luminosa da tarde. Persegue-a como se perseguisse a própria idéia da leveza, mas a pedra – e não a leveza – é que o faz tropeçar. A tarde é seca e luminosa ao redor. Na tarde estão as folhagens e o lago, e por sobre lago e folhagens um canto de pássaro ecoa. O pensamento permanece imóvel aquém de pássaro e canto. Como uma grande estrutura que houvesse desmoronado sobre a poeira, o que tenho dele é a idéia de que ele haja desmoronado – porque tentou suportar uma aspereza, porque se esgarçou como um tecido entre os espinhos e as pedras.

Tento me concentrar numa única *coisa*. E a *coisa* em que me concentro se manifesta em meu pensamento como uma espécie de luz. Porém essa luz se movimenta para os lados, gira no interior do pensamento e logo se torna esquiva a qualquer possibilidade de fixação. O pensamento desiste de se fixar ao que é leve e procura fixar-se nesse ponto luminoso. Mas o ponto luminoso se encontra em movimento, isto é, executa imprevisíveis giros no ar, como se fosse um inseto desorientado. Nada se pode fixar ao que está em movimento, nada se fixa ao que se esquiva. A menos que tentasse prender-se à idéia pura do movimento, o pensamento não teria o que fixar, e é por isso que parece esgarçar-se como um tecido fino que se arrastasse entre os espinhos. No auge da tentativa – quando parecia leve e invisível

– tropeça numa agudeza de pedra que o faz desmoronar sobre a poeira. Quando desmorona, constato que não havia leveza – que havia apenas a ilusão da leveza e do tropeço. Mas a ilusão da leveza é ela também complexa e lenta demais, ao ponto em que, tropeçando no áspero, tomba como uma vasta estrutura sobre a poeira.

Desmoronando, o pensamento é um olho vazio que apreende a tarde numa incerteza.

II

Quando tropeça, não tropeça numa pedra, mas no espanto de tropeçar no que quer que seja sem ser pedra. A pedra se converte em espanto, e o pensamento, que tudo empreende, se converte em desatenção. Lembranças, certezas, desejos – nada disso lhe serve na tarde, quando, perseguindo uma leveza, tropeça na aspereza de tropeçar.

A tarde é azul e seca ao redor. O canto de um pássaro ecoa sobre o lago, e ao fundo se avista a imobilidade da folhagem. O pensamento que tropeça – vasto e vago demais para suportar o peso de uma coisa real – não se dirige para a paisagem. Por um instante, esquiva-se da paisagem e da pretensão de se fixar à paisagem e se põe a perseguir uma idéia sutil de leveza. Mas a leveza que persegue não lhe concede as asas de que necessita. Antes, pesado demais e incapaz de qualquer agudeza, converte-se em desatenção, em pretensão de sutileza que nada mais faz que prepará-lo para a queda. Prepara-o para a queda, mas no sentido de que antecipa a queda em sua distração. Quando ele parte, ganhando velocidade no vazio, tem a impressão de que se torna mais leve. Porém tropeça numa coisa real, e tropeçar numa coisa real o faz tombar como uma grande estrutura sobre a poeira.

Ao tombar como uma grande estrutura sobre a poeira, é que se vê que era lento e desengonçado e que nada conhecia da leveza. Brusco e rombudo como uma flecha que se tivesse partido contra uma couraça, tomba pesadamente por sobre a idéia da leveza. E, vendo-o tombar sobre a poeira, percebo o quanto foi curta e de curto alcance a trajetória que percorreu.

III

Sozinho no quarto, olhando para as silhuetas que a luz da lâmpada desenha nas paredes, estou pensando na tarde que passou. E estar pensando na tarde que passou – em que um pequeno drama de fantasmas se desenrolou entre cenários de imponderabilidade – não me traz da tarde senão uma ruína dela, tal como os pensa-

mentos na tarde não me traziam da tarde mais do que sombras convertidas em pensamento. A noite fria de julho ignora a tarde, tal como a tarde e o sol ignorariam a luz da lâmpada, caso pudessem ter existido para eles qualquer brilho da lâmpada e este quarto onde estou deitado a pensar. O quarto é só o que há, e a tarde o que houve e o que relembro. E estar aqui não é coisa nenhuma, pois, ao pensar na tarde e não no quarto, só parcialmente concebo a possibilidade de estar no quarto a pensar.

A noite é fria como uma certeza de julho. O pensamento na noite é frio como o brilho da lâmpada, e as idéias que concebe são como as silhuetas que se esgarçam ao longo das paredes. Concebe, para uso próprio, uma quietude branca onde não existem sombras nem paredes, mas não pode habitar essa quietude, pois o pensamento da tarde o obriga a se dividir. Se pudesse imobilizar-se e deixar de perseguir o que quer que seja, talvez alcançasse a quietude. Mas só poderia alcançá-la se a recebesse por fora, se já estivesse habitando-a por fora, sem que a idéia de quarto e de paredes o assombrasse e o colocasse em movimento. Na noite fria, ele gira sem direção, na expectativa de alcançar a imobilidade. E a idéia da imobilidade gira dentro dele enquanto ele gira sem se soltar.

Quem sou eu, aquele que pensa na tarde e, ao pensar na tarde, esbarra na realidade da lâmpada e do quarto? Penso numa imobilidade leve, numa fragrância de imobilidade, e tudo o que tenho é esta evidência do quarto, que se me impõe por fora como um fardo que me obrigassem a carregar. Tenho esta evidência e não desisto da leveza, embora nada saiba sobre ela e me sinta caminhar para o insucesso. Caminho realmente para o insucesso? O pensamento é duplo e difícil. As armas de que dispõe o tornam intruso a tudo aquilo que pretende. Quando supõe ter alcançado uma chave, a chave que alcançou não abre a porta que descobriu. E eu, à mercê do que penso, só posso pensar no que me deixa à mercê (ou seja, a idéia de que, caminhando em direção à meta, caminho na direção contrária a toda possibilidade de meta).

Sozinho no quarto, olhando para as sombras, estou pensando na tarde. E estar pensando na tarde não me traz senão esta certeza de que o estou, embora nela não exista nem tarde nem coisa e só se manifeste esta impressão de que estou aqui – noturno – a pensar.

EU MESMO

Vago, como uma idéia é vaga ao nascer, como um labirinto é vago quando se está dentro dele – assim o que sou nesta hora, a suportar o fardo de ser *eu*: janela, porta, a passagem que conduz *para fora*, como se houvesse lá fora, como se estar aqui não fosse estar aprisionado *para alguém* de tudo o que se assemelha a um *estar*

lá fora, vago, como uma neblina é vaga quando se procura encontrar na noite a senda perdida, quando se tem de lidar com os fantasmas que vagueiam na noite e saltam de repente de seus nichos e se assanham para assombrar os nossos pensamentos, como se pode ser vago ao dar uma resposta que deveria ter sido decisiva e no entanto nos traiu, nos saltou da boca e se revelou contrária ao que gostaríamos de ter dito ou se revelou simplesmente insatisfatória, imprecisa, como tudo é vago quando se tem de atingir a nitidez ou como o vento é vago atravessando a copa folhuda de uma árvore, ou quando cessa e resta apenas a ramagem, a noite, o telhado, a nuvem, a cumeeira contra a qual assobiou, o sono do pássaro, o silêncio, o anel perdido no escuro, o calçamento silencioso, o ter pisado ali, tamanqueado ali, e já não se ouvirem mais os passos – em silêncio, vago como um silêncio entre duas coisas, dois sons, duas palavras, dois assobios, dois acordes, duas ilhas, dois pensamentos, ou onde não há nenhum pensamento –, como se pode ser vago ao supor o que há por dentro, ao tentar imaginar o núcleo oculto, quando não há transparência, quando não há nitidez, nem lâmina, nem gume, nem a luz que nos previne do desastre, nem o desastre, nem o cortar dessa lâmina, como afundar numa água salobra, numa névoa, numa confusão de águas e névoas, assim como estou agora, a imaginar o exterior – eu mesmo, eu *todo*, a diluir-me neste vago em que me afogo, em que me perco, em que me abismo.